

INTRODUÇÃO A UMA ANTROPOFILOSOFIA DA CULTURA: UMA HOMENAGEM AO ANDARILHO EM UBERABA – MINAS GERAIS

Paulo Irineu Barreto Fernandes ¹ (pauloirineu@bol.com.br)

Resumo:

As ideias e questionamentos que deram origem a este trabalho surgiram em curso ministrado no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. O seu objetivo é apresentar uma homenagem feita ao andarilho, na cidade mineira de Uberaba, na forma de uma introdução a uma antropofilosofia da cultura, tendo como “pano de fundo” a Praça Dr. Jorge Frange, em Uberaba – MG, a partir da consideração de três elementos fundamentais: o caráter histórico-humano da cultura; a questionável destinação da cultura à celebração do vencedor e a importância de se estudar e preservar a memória material e imaterial das cidades. A conclusão à qual chegamos é a de que a homenagem ao andarilho é, por um lado, um contrassenso, pois funciona como um “calo no pé” de uma sociedade que valoriza apenas o êxito, uma sociedade em que nem mesmo o segundo colocado é lembrado. Mas, ao mesmo tempo, ela é uma experiência pioneira e pode ser tida como um exemplo do “escovar a história a contrapelo”. Ela desafia a tradição histórica de se valorizar apenas aqueles que são considerados vitoriosos, encontrando um lugar de destaque para um andarilho específico e, por meio deste, homenageia a todos os demais. Além disso, a homenagem serve como um alerta para a sociedade, não apenas para a cidade de Uberaba, mas para todos nós: aquele andarilho é um “produto” nosso.

Palavras-chave: Cultura; Filosofia; Geografia Cultural; Uberaba-MG”.

¹ Doutorando em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia-MG.

1. INTRODUÇÃO

Há uma afirmação, muito difundida entre os acadêmicos, de que foi a partir de Hegel e Marx que a cultura passou a ser entendida como um fenômeno histórico, embora os dois filósofos tenham construído a sua filosofia sobre premissas discordantes.

Foram Hegel e, depois dele, Marx que enfatizaram a cultura como história. Para o primeiro, o tempo é o modo como o Espírito Absoluto ou a razão se manifesta e se desenvolve através das obras e instituições – trabalho, religião, artes, ciências, filosofia, instituições sociais, instituições políticas. (...) Para Marx, o espiritualismo ou idealismo hegeliano é, evidentemente inaceitável. A história-cultura não é o desenvolvimento da vida do Espírito Absoluto, mas o modo como, em condições determinadas e não escolhidas por eles, os homens produzem materialmente (pela divisão social do trabalho e pela organização econômica) sua existência e dão sentido a essa produção material. (CHAUÍ, 2006, p. 108)

Apesar do valor das afirmações acima, muitos pesquisadores e intelectuais souberam lidar dialeticamente com os antagonismos nas filosofias de Hegel e Marx, ao valorizarem, além das diferenças, também os pontos em comum entre os dois pensadores alemães. Entre estes autores, destacam-se os integrantes da Escola de Frankfurt. Para Walter Benjamin, por exemplo, “Nunca houve um monumento de cultura que também não fosse um monumento de barbárie” (BENJAMIN, 1985, p. 225). O que equivale a dizer que é ingênuo acreditar numa cultura totalmente pura ou ideal, pois se “a cultura não é isenta de barbárie, também não é isento o seu processo de transmissão” (BENJAMIN, idem). A conclusão de Benjamin é a de que o materialista histórico deve desconfiar da história “oficial” e deve considerar a sua tarefa como um “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, idem).

Uma manifestação prática deste “escovar a contrapelo” pode ser encontrada na homenagem ao andarilho, feita na cidade de Uberaba, Minas Gerais. Sobre isto, o escritor João Sabino (2005, p. 15) fez a seguinte afirmação:

Na estrada o andarilho ganha, reparte, perde, esquece, junta e, sem explicações, vai formando um acervo que, se soubesse e pudesse, montaria um arquivo de valor inestimável. Nós que vamos velozmente de automóvel perdemos a ímpar oportunidade de ver paisagens, ou presenciarmos fatos não repetidos que ocorrem ao longo das estradas. Os rios, espigões, as minas d’água, o meio ambiente, os canaviais, as lavouras, os chapadões, os retões, tudo, enfim, pode ser visto e tocado pelo andarilho, e por nós não.

No entanto, a nossa cultura não valoriza essa riqueza do andarilho, mas valoriza o fato de alguém poder percorrer as estradas em automóveis velozes, revelando um lado questionável da cultura: a supremacia dos fins em relação aos meios, viva manifestação da “cultura do triunfalismo”. O olhar filosófico (criticista) para a história e para a cultura, por outro lado, não só revela o caráter ambivalente da cultura, como também revela o caráter ambivalente da humanidade.

Humanidade, que palavra ambígua! O Davi de Michelangelo é uma obra humana, assim como também o é a bomba atômica; a Nona Sinfonia de Beethoven é uma obra humana, assim como também o é o holocausto judeu. É por esta e por outras razões que não podemos,

desde o advento da modernidade, separar cultura de natureza. Cultura é natureza, natureza é cultura! Essa é a referência a partir da qual nos propomos a apresentar esta comunicação.

2. UMA HOMENAGEM AOS ESQUECIDOS: O CASO DA PRAÇA DR. JORGE FRANGE, EM UBERABA – MINAS GERAIS

Sobre a prática cultural tradicional, de se homenagear apenas os vencedores ou dominadores – a “cultura do triunfalismo” – Chauí aponta para uma alternativa, ao trazer à tona também a memória dos esquecidos, de

[...] tornar visível a disputa pela memória social, deixando aparecer ações até então invisíveis, capazes de questionar as significações institucionalizadas com que a sociedade constrói para si mesma seu próprio significado. Por isso mesmo, tratava-se de uma prática reflexiva sobre a concepção de patrimônio histórico, cultural e ambiental. (CHAUI, 2006, p. 124)

A leitura do texto de Chauí também nos remeteu ao referido monumento existente na cidade de Uberaba, Minas Gerais, em que a homenagem foi feita a um andarilho local, com a intenção de que a mesma servisse também como uma homenagem a todos os andarilhos, em um sentido mais amplo. Trata-se de uma estátua, em tamanho real, construída em 2006 que, desde então, tem sido alvo de julgamentos antagônicos por parte dos habitantes da cidade e dos frequentadores do lugar no qual a estátua se encontra instalada: a Praça Dr. Jorge Frange, reconhecido ponto cultural da cidade.

Na primeira visita ao local, pudemos observar que a homenagem divide as opiniões: para alguns a estátua é justificável, pois homenageia uma personagem simbólica da cidade; para outros, no entanto, ela é questionável, pois pode ser vista como uma apologia ao ócio e à inatividade, uma vez que um andarilho é visto como alguém não produtivo. É como se as pessoas dissessem: “Temos tantos cidadãos trabalhadores, pais de família e cumpridores de seus deveres e a cidade se põe a homenagear um andarilho!”. Antes de prosseguirmos com o estudo da homenagem ao andarilho São Bento – assim ele era chamado na cidade e região – façamos uma breve incursão na história da praça Dr. Jorge Frange, lugar que o “acolheu”.

3. A PRAÇA DR. JORGE FRANGE, UBERABA – MG

Imagens 1 e 2 - Praça Dr. Jorge Frange – Uberaba MG.



Fonte: o autor, 2014.

A história da praça Dr. Jorge Frange se confunde com a história da cidade de Uberaba, é um dos pontos de concentração de eventos da cultura popular local e concentra um grande número de atividades. No início da década de 1940, o terreno compreendido entre as ruas Veríssimo, Conceição das Alagoas e São Benedito foi transformado em praça, recebendo o nome de Praça da Bandeira, em homenagem ao Pavilhão Nacional. Em 1943, no governo municipal do Dr. Carlos Martins Prates, a Praça da Bandeira passou a sediar a nova Estação Rodoviária, inaugurada em 1945. Em 1957, por meio do Decreto nº 607, no governo municipal de Arthur de Mello Teixeira, a praça passou a ser denominada Praça Jorge Frange. Em 1972, a Rodoviária foi transferida para a Praça Dr. Carlos Terra. O prédio que ela ocupava na praça Dr. Jorge Frange foi desativado e demolido, entre 1977 e 1982. Em 1983, no governo de Silvério Cartafina, o espaço foi reformado e reinaugurado. Tempos depois, a Praça Jorge Frange passou a contar com um marco maçônico, um minipalco, banheiros para atender a Feirarte, o Clube de Damas de Uberaba e a estátua do andarilho São Bento, além de contar com um modesto parque infantil de diversões e ser palco de outros eventos culturais realizados na cidade de Uberaba, ao longo do ano. Ocupando um ponto quase central da cidade de Uberaba, a praça, por outro lado, também se tornou um ponto de abrigo para pessoas que vivem na cidade sem uma habitação e sem condições dignas de vida.

4. O ANDARILHO HOMENAGEADO: SÃO BENTO

De acordo com Hegel, os *indivíduos históricos universais* são os únicos capazes de “fazer a história”, pois eles “são os grandes homens da história, cujos fins particulares contêm o substancial que é a vontade do espírito universal” (HEGEL, 1995, p. 33). Entre estes poucos, o filósofo cita: César, Alexandre e Napoleão. Contrapondo as afirmações de Hegel, Bertold Brecht compôs um elogio ao cidadão comum, do qual extraímos o pequeno trecho a seguir:

*O jovem Alexandre conquistou a Índia. Sozinho?
César bateu os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?
Filipe da Espanha chorou, quando sua armada naufragou.
Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhou o banquete?
A cada dez anos um grande Homem.
Quem pagava a conta?
Tantas histórias.
Tantas questões.*

(Bertold Brecht, *Perguntas de um trabalhador que lê*)

Se até mesmo o cidadão comum teve, em algum momento, a sua importância histórica questionada, o que diremos então do andarilho, este ser cuja existência se dá no movimento, sem permanência? E o que diremos então de um monumento em homenagem a

este mesmo andarilho? Ao confrontarmos estas indagações com a afirmação de que “*Monumentum* significa: sinal do passado; o que evoca o passado; o que perpetua o passado.” (CHAUI, 2006, p. 114), a próxima questão que surge é: Que passado o monumento (estátua) em homenagem ao andarilho pretende perpetuar? A estátua não seria a imagem do descaso da nossa sociedade para com estas pessoas? Não seria o reconhecimento do nosso fracasso? São muitas as questões, às quais não sabemos se podemos responder.

Mas quem foi o indivíduo que deu origem a esta homenagem? Embora a estátua seja uma homenagem ao andarilho em geral, ela foi feita a partir da imagem e da biografia de uma pessoa real.

Imagens 3 e 4: Estátua em homenagem ao andarilho.



Fonte: o autor, 2011.

Mais conhecido pelo apelido de *São Bento*, nosso andarilho não era uma pessoa violenta e nem possuía vícios como a embriaguês ou o uso de substâncias psicotrópicas. Segundo alguns relatos, ele tinha sido maquinista da extinta Cia. Mogiana de Estradas de Ferro e mecânico de caminhões.

Certo dia teve uma decepção e esse fato marcou-lhe amargamente. Não querendo cometer um desatino, abriu a porta do mundo e lançou-se nele. Deu a partida e nunca mais parou. Viveu por longos anos indo e vindo. (SABINO, 2005, 205)

O apelido de *São Bento* foi cunhado devido ao fato de o andarilho ter tido o hábito de percorrer constantemente, à pé, o mesmo trajeto do ônibus da empresa São Bento, que opera no trecho de Ribeirão Preto – SP a Araguari-MG, passando por cidades como São Joaquim da Barra, Ituverava, Igarapava, Uberaba e Uberlândia².

Na pesquisa realizada *in loco*, ao obter informações sobre a homenagem ao andarilho, os frequentadores da praça Dr. Jorge Frange apresentam opiniões divergentes, entre as quais, destaco duas:³

² Existe a possibilidade de que *São Bento* tenha sido maquinista da extinta Companhia Mogiana, na região. Ora, se isto for uma informação real, então, ao caminhar, ele não estava reproduzindo o trajeto do ônibus, mas o mesmo trajeto de quando era maquinista e do qual, por algum motivo, foi privado. Essa possibilidade abre espaço para um amplo estudo de natureza psicológica e subjetiva.

³ Dados colhidos em pesquisa de campo realizada na praça Dr. Jorge Frange, no dia 07/05/11. (Os nomes atribuídos aos entrevistados são fictícios).

Sr. Plínio: *é um absurdo que a cidade homenageie uma pessoa que não trabalhava. Ele era apenas um “coitadinho”, um péssimo exemplo para os jovens.*

Sr. Antenor: *eu considero a homenagem justa, ele era um ser humano como qualquer outro, só não teve oportunidade. E quanto a ser, ou não, exemplo, qualquer um sabe que ele não é um modelo a ser seguido.*

Imagem 5 (esquerda): O escritor João Sabino e o autor, junto à estátua em homenagem ao andarilho.



Imagem 6 (direita): Placa afixada à estátua do andarilho (Crédito: o autor – 2011)
Fonte: Imagem 5 – Jornal da Manhã – Uberaba-2014, imagem 6 – o autor, 2011

O religioso e escritor Juvenal Arduini também externou preocupações com a questão do andarilho, que ele denominou de “estradeiro”. Dos seus escritos, o que mais apresenta proximidade com as questões apresentadas no presente trabalho é o livro *Estradeiro – para onde vai o homem?*, no qual o pensador afirma:

A ambivalência é condição humana. A indefinição acompanha o homem até o túmulo. O ser humano é solicitado por objetivos divergentes, e mesmo opostos. Todos os caminhos estão abertos a seus passos. Ninguém poderia vaticinar, com precisão, qual o rumo que irá escolher. O homem é sempre uma interrogação para si como para os outros. Seu gesto oculta um mistério que nos deixa na expectativa, até que se determine. Do coração humano pode brotar uma onda de amor como uma torrente de ódio. (ARDUINI, 1975, p. 164)

Seria esta ambivalência a explicação para os atos do andarilho, ou do estradeiro?

Seria o movimento uma condição humana indissociável? Neste caso, o andarilho, ao se por constantemente em movimento, estaria apenas reproduzindo condições humanas subjetivas e práticas, como a impossibilidade de não se movimentar e a “compulsão” pela mudança, por novas experiências.

É de Arduini também a seguinte afirmação: “A realidade do ser humano ultrapassa as análises mais profundas e as interpretações mais ousadas. O ser humano é mais do que tudo que já se escreveu sobre ele” (ARDUINI, 2006, p. 32). Esta afirmação, que poderia ser utilizada como um argumento cético, de que não “vale a pena” estudar algo sobre o qual não será possível encontrar respostas definitivas, só pode ser obtida a partir de muito esforço e dedicação. É como a afirmação do “não-saber” socrático. Só é capaz de afirmar “só sei que

nada sei” aquele que muito investigou a si mesmo e a realidade que o cerca. Não é uma afirmação banal.

O fragmento abaixo, amplamente difundido, é de autoria do filósofo grego Heráclito, que, assim como o andarilho, também se isolou do convívio humano. O breve texto é bastante revelador e talvez seja suficiente para resumir toda a angústia que toma conta do andarilho:

Heráclito diz em alguma passagem que todas as coisas se movem e nada permanece imóvel. E, ao comparar os seres com a corrente de um rio, afirma que não poderia entrar duas vezes num mesmo rio (...) Heráclito retira do universo a tranqüilidade e a estabilidade, pois é próprio dos mortos; e atribui movimento a todos os seres, eterno aos eternos, perecível aos perecíveis. (PRÉ-SOCRÁTICOS, 1996, p. 85)

5. CONCLUSÃO

Portanto, a conclusão à qual chegamos, ainda provisória, uma vez que esta pesquisa ainda está em desenvolvimento, é a de que a homenagem ao andarilho é, por um lado, um contrassenso, pois funciona como um “calo no pé” de uma sociedade que valoriza apenas o êxito, uma sociedade em que nem mesmo o segundo colocado é lembrado. É uma lembrança incômoda! Mas, ao mesmo tempo, ela é uma experiência pioneira e pode ser tida como um exemplo do “escovar a história a contrapelo”. Ela desafia a tradição histórica de se valorizar apenas aqueles que são considerados vitoriosos, encontrando um lugar de destaque para um andarilho específico e, por meio deste, homenageia a todos os demais. Além disso, a homenagem serve como um alerta para a sociedade, não apenas para a cidade de Uberaba, mas para todos nós: aquele andarilho é um “produto” nosso!

6. MATERIAIS E MÉTODOS

Trabalho de pesquisa do tipo retrospectivo e descritivo, cujo ambiente de estudo foi a Praça Dr. Jorge Frange, localizada na cidade de Uberaba, Minas Gerais, no período de março a junho de 2011, inicialmente. As informações e imagens foram obtidas a partir de entrevistas com moradores e frequentadores da praça Dr. Jorge Frange, bem como a partir de visitas ao Arquivo Público de Uberaba, à Biblioteca Pública Municipal de Uberaba e ao Hospital São Domingos, na mesma cidade. Por se tratar de um trabalho ainda em andamento [parte de uma tese de doutoramento], ainda não é possível apresentar a análise final dos dados, bem como os resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

ARDUINI, Juvenal. *Antropologia – ousar para reinventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Estradeiro – Para onde vai o homem?* São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

BENJAMIN, Walter. O Conceito de História. In: *Obras escolhidas: Magia e Técnica. Arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRECHT, Bertold. Perguntas de um trabalhador que lê. Disponível em: <http://umaliberdadevirtual.blogspot.com/2011/05/perguntas-de-um-trabalhador-que-le.html>

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

HEGEL, G.W.F. *Filosofia da História*. Brasília: Editora UNB, 1995.

PRE-SOCRÁTICOS. Pré-Socráticos. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

SABINO, João. *O andarilho – quem é ele?* Uberaba: Editora Vitória Ltda, 2005.